



<https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v11.961>

Monarquianismo dinâmico e modalista: uma análise sobre o desenvolvimento da linguagem trinitária

Dynamic and modalist monarchianism: an analysis on the development of trinitary language

Diego dos Santos Wingert¹

Resumo

O presente artigo² se baseia nas pesquisas do Dr. John Norman Davidson Kelly³, sintetizadas em sua obra denominada: *Patrística: origem e desenvolvimento das doutrinas centrais da fé cristã*, publicada no Brasil em 1994 pela editora Vida Nova, onde apresenta com clareza a proposta linguística que este trabalho procura orientar em seu objetivo científico. Partindo desta publicação, se procura inicialmente tratar de forma direta e pontual à significativa questão da relação linguística em um específico caso teológico e histórico, onde o movimento monarquianista – e suas variações doutrinárias – do final do Século II e início do Século III são o mote em questão. O restante do texto trata de forma concreta no que diz respeito ao fenômeno ocorrido nos últimos séculos de nossa história (a partir do Século XIX), relacionado as deficiências encontradas para com o uso das terminologias antigas. Por fim, aborda-se a respeito da “nova roupagem” linguística que revestiu o antigo movimento monarquianista; neste contexto, os dois novos termos: modalista e dinâmico, são analisados e definidos através dos novos pressupostos que a linguagem moderna os delegou.

Palavras-chave: Monarquianismo. Dogma Trinitário. Linguagem.

¹ Teólogo graduado pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Mestre e doutorando em Teologia pelo Programa de Pós-graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001./This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

E-mail: diego.wingert@edu.pucrs.br

² Artigo produzido junto a *Cathedra* de Seminário: Teologia e Linguagem, do programa de pós-graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), ministrada pelos Profs.: Dr. Agemir Bavaresco e Dr. Rogel Esteves de Oliveira.

³ John Norman Davidson Kelly, nasceu em 13 de abril de 1909 em Bridge of Allan (Escócia) e faleceu em 31 de março de 1997 na cidade de Londres (Inglaterra). Doutor em Teologia e historiador do Dogma Cristão, foi professor, capelão e vice-chanceler da Universidade de Oxford, também foi diretor da fundação St. Edmund Hall, onde desenvolveu sua vultuosa obra acadêmica e literária durante mais de quarenta e cinco anos.

Abstrac

This article is based on the Research of Dr. John Norman Davidson Kelly synthesized in his work called: *Patristic origin of the development of the Central Doctrine of Fe*, published in Brazil in 1994 by Editora Vida New, therefore, it presents the county's linguistic proposal clarity that this job search and guided or guided scientifically. Starting from this publication, the government initially dealt with Pontual's grave form, a significant issue, giving a linguistic relationship in a specific way, in case the theoretical historian, therefore, The Monarchist movement - from its clinical analyzes - ends the 2nd Century from the early 3rd century in question. The remainder does not provide concrete text dealing with our history from the last century (from the 19th century onwards), related to deficiencies found in the use of older terms. On the one hand, the approach-respect offers them a linguistics of "new clothes" that covered the old monarchist movement; in this fabric, the two and a new terminal with a modalist outside the dynamic, which is a presupposed language to analyze a new and modern one outside the mouth of the delegate used through a dowry.

Keywords: Monarchianism. Trinitarian Dogma. Language.

Introdução

O Título desta pesquisa é em determinado sentido polissêmico. Nele encontramos a possibilidade de seguir na direção de variados caminhos e a partir destes gerar inúmeras conjecturas. Entretanto, o desenvolvimento deste trabalho em nada é aleatório, pelo contrário, ele se orienta de modo preciso e ordenado em direção ao objetivo de analisar por meio de uma apreciação histórica, características de uma construção terminológica, ocorrida em um movimento dogmático Trinitário (monarquianismo) do passado, incluindo suas principais posições teológicas (modalista e dinâmico).

A partir desse plano, a pesquisa se utilizou amplamente dos trabalhos do Dr. John Norman Davidson Kelly (historiador do Dogma), sintetizados especialmente em sua obra denominada: *Patrística: origem e desenvolvimento das doutrinas centrais da fé cristã*, publicada no Brasil em 1994 pela editora Vida Nova, onde descreve com excepcional clareza a proposta linguística que este artigo procurou desenvolver em seu objetivo científico, relacionado principalmente no âmbito da teologia Trinitária do período Patrístico, e do emprego da linguagem como meio de expressão histórica desta dogmática.

Deste modo, o presente trabalho se desenvolve em quatro itens principais. O primeiro apresenta uma análise histórica sobre o movimento Trinitário do final do Século II e início do Século III denominado de monarchianismo. O segundo item,

seguindo na esteira do primeiro, também faz um exame teológico-histórico, porém, agora apontando e percorrendo a respeito das duas posições teórico-teológicas dentro do movimento monarquianista, os inicialmente chamados: monarquianistas “clássicos” e adocianistas. O terceiro ponto, aborda a respeito da deficiência encontrada a partir do romper da era moderna para com o uso do vocábulo: adocianismo – termo excelso para o cristianismo, porém, no caso em específico, serviu para definir uma teoria considerada como herética no decurso do desenvolvimento do Dogma cristão. Por último, abordamos a respeito da “nova roupagem” linguística que revestiu o antigo movimento monarquianista; neste espaço dois subitens são utilizados, onde os novos termos: modalista e dinâmico, surgem no cenário teológico moderno como sendo as novas “vestimentas” que substituíram as antigas.

1 O Monarquianismo Trinitário

O Século III rompe no “horizonte teológico” trazendo consigo questões pontuais de grande importância. O amplo conjunto que abarcava todo o pensamento Trinitário, formado por muitas especulações e dúvidas, encontra nesse novo tempo uma excelente oportunidade para desenvolver algumas das demandas que já estavam propostas em seu seio, como também, para estruturar – mesmo que de forma indireta e até mesmo involuntária – a base para “controvérsias posteriores”⁴ que vieram a surgir.

Até aqueles dias, o cenário teológico esteve preocupando-se efetivamente com questões mais apologéticas, tendo na refutação das teorias gnósticas, com destaque para as atuações de Irineu e Tertuliano, como também no “confronto” com os movimentos sócio-político-religiosos (Império Romano e partidos judaizantes) na figura de Justino⁵, estabelecido seu maior esforço teológico. Entretanto, o debate Trinitário especialmente sobre a unidade Divina já era operante, inclusive evidenciado pela literatura apologética dos Pais descritos acima.

Neste cenário de construção da dogmática Trinitária, já havia uma expressão bem consciente sobre a existência da “economia” entre Pai, Filho e Espírito Santo. Teófilo de Antioquia já havia elaborado um vocábulo que adequadamente

⁴ KELLY, 1994, p. 81.

⁵ DROBNER, 2008.

sustentaria por um bom tempo esta relação Divina; utilizando-se de analogias Escriturísticas, Teófilo viria a cunhar o termo “Tríade”⁶ aplicando-o à Divindade cristã, relacionando diretamente sua normatividade a uma espécie de conjunção inseparável de três unidades em recíproca relação. Contudo, estas distinções “dentro da mesma Divindade indivisível”⁷ ainda careciam de melhores expressões linguísticas, diante da contínua necessidade de se explorar e definir termos mais qualificados sobre esta relação numinosa entre os *Entis* do *Ens* eterno.

Ainda neste contexto, cabe-nos ressaltar que o conceito de trinitarismo econômico como relatado acima, encontrou sólida base em meio a Igreja ocidental e sua *praxis fidei*⁸ no final do Século II e início do III, sendo Tertuliano de Cartago e Hipólito de Roma os expoentes deste conceito teológico no Ocidente cristão, tendo o segundo, inclusive, tachado tais evidências em sua formatação do rito litúrgico latino⁹. Contudo, nem mesmo o sucesso deste conceito o isentou-o de críticas, havendo uma volumosa reação de determinados seguimentos no próprio Ocidente.

Novamente, notamos por meio de uma base historiográfica, que quando um seguimento de representação das esferas humanas se depara com a necessidade de estabelecer um novo *signum* para seu meio, pelo fato de haver surgido um novo fenômeno específico em sua realidade, este movimento semântico acaba também por gerar um novo ordenamento para seu “mundo”. Tertuliano, expoente no cenário Trinitário do período e adversário da posição monarquianista, foi o responsável – por mais irônico que isto possa parecer – em estabelecer essa nova linguagem, definindo essa antítese pelo nome de “monarquia” (gr.: *μοναρχία*; lat.: *monarchia*), pois os seus adeptos se incomodavam com a definição de “economia” (gr.: *οικονομία*; lat.: *dispensatio*) para com a relação Trinitária, por isso “dizem eles, mantemos a Monarquia (ou único governo de Deus)”¹⁰.

Os seguidores deste novo conceito temiam que o ensino do trinitarismo econômico levasse a um esvaziamento da unidade Divina. Desta forma, procuraram sustentar por meio da linguagem um axioma que sugerisse um ordenamento primaz, ou seja, que salientasse na formatação da relação Trinitária a presença de uma única fonte, caracterizando em absoluto a existência de um único princípio

⁶ TEÓFILO DE ANTIOQUIA. *A Autólico*, I,7; II,15,18.

⁷ KELLY, 1994, p. 81.

⁸ BOGAZ; COUTO; HANSEN, 2011.

⁹ HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição Apostólica*, I, 2,3.

¹⁰ TERTULIANO DE CARTAGO. *Contra Práxeas*, III.

Divino para todas as coisas, incluindo esta relação¹¹. Assim, por meio de um analogismo linguístico com o sistema político monárquico existente há época, é que esta máxima foi estabelecida, orientando logicamente a nova doutrina a seus interesses teológicos. O nome deste movimento também deriva desta mesma lógica: monarquianismo.

2 Os Monarquianismos e suas variantes

As décadas finais do Século II nos apresentam não apenas as evidências que testemunham o surgimento do movimento monarquianista, mas também as variações que deste viriam a surgir. Esta variação se estabelece basicamente em duas posições, mas que desde seu início apontavam para definições diametralmente opostas, estabelecendo uma fundamental distinção entre ambas. Aqui, diante desta afirmação se faz necessária uma observação, pois esta pode (ou deve) levantar a seguinte dúvida: como posições fundamentalmente distintas podem ser definidas por um mesmo axioma (monarquianismo)? A resposta se apresenta na conjectura desenvolvida abaixo.

Iniciemos nossa abordagem pela posição majoritária, a qual no futuro passou a ser chamada de modalista. Sim, inicialmente o termo “monarquianismo” definia e sustentava genericamente aquela que seria a forma ou posição oficial do movimento, considerada sem dúvida como o posicionamento “clássico” entre os primeiros seguidores. Interessante também neste caso, é que esta posição sendo a mais “bem disseminada e popular”¹² das doutrinas do monarquianismo, gozava até mesmo de alguma aceitação em meio ao governo eclesiástico (Episcopado e Presbitério) do período, inclusive em Roma.

Esta posição defendia com ímpeto e muita clareza a unicidade de Deus e a divindade de Cristo, em uma forma de dupla e inequívoca correlação. Participava com afinco da exortação à definição de “economia”, que no seu entendimento distinguia com prejuízos irreparáveis as Pessoas da Trindade; acusavam a posição da “economia” – que já possuía um certo padrão de catolicidade há época – de proporem uma divindade “tripessoal”¹³, onde o Filho/Logos/Palavra por exemplo,

¹¹ HAMMAN, 1985.

¹² KELLY, 1994, p. 89.

¹³ KELLY, 1994, p. 89.

era, em seu entendimento, comumente apresentado sendo o “outro”, como diferente, ou seja, distinto dos demais.

Já na metade do Séculos II houve uma inicial tentativa em objetar o entendimento de que as Pessoas na Trindade seriam distintas em identidade; porém, o entendimento sobre a figura do Logos como uma Pessoa à parte, já estava fortemente alicerçado, devido principalmente ao ensino dos Pais Apologistas ocorrido a partir da metade do Século II. Em Justino de Roma encontramos a afirmação de que, “temos de reconhecer que Deus conversou com alguém que era numericamente distinto e igualmente racional”¹⁴, isso dizia o Apologista aos seus ouvintes judeus, quando disputava exegeticamente com estes a respeito do texto de Gênesis, sobre a evidência de haver uma real coletividade Divina agindo na criação. Deste modo, logo após tais compreensões “econômicas” estarem se consolidando, homens como Noeto de Esmirna¹⁵ – contemporâneo de Hipólito de Roma –, se apresentaram como pioneiros na ação de teologizar a respeito de um novo modelo Trinitarista, que procurava desconstruir a doutrina considerada blasfema aos seus olhos, pois esta sugeria haver dois ou três deuses à se servir e adorar.

Ainda a respeito da posição teológica dos monarquianistas iniciais, uma nota de caráter terminológica se faz necessária. Para estes adeptos, prevalecia a antiga concepção de que o vocábulo “Pai” significava a própria Divindade¹⁶, ou seja, o termo por si só assimilava, condensava e descrevia a plenitude das Três Pessoas. Assim, diluir por meio de outros vocábulos essa identidade única (Pai), era considerada como uma atitude de total sacrilégio para estes cristãos.

Passando ao segundo grupo, de imediato nos é necessário frisar que estes tiveram menor amplitude e impacto em sua atuação teológica, a ponto de alguns estudiosos modernos nem sequer citarem sua existência, ou no máximo, atribuírem seu pensamento a um desvio da posição monarquianista “clássica”. Entretanto, sua atuação pormenor, ainda assim deixou uma marca significativa no registro teológico Trinitário, apresentando referências que futuramente caracterizariam heresias famosas (arianismo)¹⁷. Os seguidores deste grupo minoritário foram inicialmente definidos pelo nome de adocianistas, aqueles que eram adeptos do adocianismo.

¹⁴ JUSTINO DE ROMA. *Diálogo com Trifão*, LXII, 2.

¹⁵ CAMPENHAUSEN, 2005.

¹⁶ KELLY, 1994, p. 89.

¹⁷ HÄGGLUND, 1999.

Esse movimento era amplamente baseado em critérios racionalistas (especialmente Aristotélicos) e captava seus militantes principalmente nos círculos filosofantes do período. Defendiam a ideia de que Jesus Cristo teria sido apenas um homem comum até seu batismo, mesmo que antes disso, tenha sido por parte do Pai: predito, gerado e mantido com insuperável graça, possibilitando-o deste modo há ter uma postura de extrema virtude em sua vida terrena. Após sua paixão, mediante à Ressurreição de seu corpo, torna-se Divino, contudo, não o era antes deste evento culminante ocorrer.

Logo, entende-se que Jesus Cristo não sendo Deus sempiterno, foi recebido pelo Pai exclusivamente por meio do cumprimento profético de sua missão salvífica, o que se permite dizer pela lógica desta corrente de pensamento que Ele foi: adotado. Desta forma, este conceito desenvolveu a linguagem que iria descrever inicialmente essa posição Trinitária.

Aproximadamente entre os anos de 185 a 190 d.C., Teodoto, um comerciante bizantino¹⁸, foi possivelmente o responsável por levar esta teoria a Roma, onde passou a ser mais conhecida, mesmo assim, não sabemos quem seria o mentor inicial de tal posição considerada herética desde seu início. Formas renovadas do movimento adocianista surgiram nos decênios posteriores, incluindo figuras de destaque como Paulo de Samosata, todavia, nunca alcançando êxito em sua catequese quanto a este tema¹⁹.

Por último neste item, após registrar as variações e inflexões do movimento monarquianista, cabe-nos apontar com clareza a resposta a interrogação que foi apontada acima. Ambas as posições são consideradas formas de monarquianismo porque, simplesmente, se orientam sobre uma mesma metodologia hierárquica. Mesmo que estas posições ofereçam um rebaixamento à figura e importância do Filho, como também do Espírito Santo (ponto não aprimorado nesta pesquisa), é necessário se ressaltar que suas Divindades não são negligenciadas e/ou excluídas de maneira plena, pelo menos na fase inicial (final do Séculos II e início do III) destas posições monarquianistas.

Portanto, de forma sintética, podemos afirmar que a existência de Deus para estes cristãos, com perdão pela redundância, era uma existência Trina e de caráter intrinsecamente unívoco, “apesar das diferenças nos pontos de vista e nas

¹⁸ MÜLLER, 2004.

¹⁹ KELLY, 1994.

motivações”²⁰ de ambas as correntes do monarquianismo. Logo, esta constituição formada por “*Entis*” distintos num sentido ontológico, sendo um considerado superior ao outro, necessitava ser exposta fora de uma “ideia econômica”, sendo então desenvolvida em uma “ideia monárquica”, onde apenas um é rei (Pai), mesmo que no fim deste “conjunto” haja outros soberanos (teoricamente teleológicos) que também governam.

3 Adocianismo trinitário: uma expressão deficiente

A partir dessa leitura teológica-histórica, passamos agora a uma análise terminológica a respeito das palavras empregadas na descrição deste movimento Trinitário identificado como monarquianismo. Assim, nosso enfoque neste exame se concentrará agora nas terminologias empregadas ou não, junto as correntes deste movimento: monarquianismo “clássico” e monarquianismo adocianista.

Como já descrito acima, os chamados “clássicos”, a posição inicial e majoritária entre os seguidores do movimento monarquianista, conseqüentemente, foram historicamente identificados pela mesma nomenclatura, mas, posteriormente, diante do aparecimento de uma nova corrente de pensamento *intra muros*, houve a necessidade de se produzir uma nova terminologia, visando estabelecer uma distinção entre a clássica posição e a nova teórica. Nesse processo nasce o termo adocianismo, para balizar as novas características teológicas agora existentes. Entretanto, a expressão trazia consigo alguns problemas.

A palavra: adoção (gr.: *ὑιοθεσία*), por ser de inestimável valor hermenêutico e exegético junto à revelação do Novo Testamento (Rm 8.15,23; 9.4; Gl 4.5; Ef 1.5), era e continua sendo um termo caríssimo para o cristianismo (historicamente). Partindo deste dado, inúmeros problemas podem ser conjecturados sobre a possibilidade de um mal emprego do vocábulo na esfera teológica, porém, devido a delimitação e objetividade desta pesquisa, concentramos nosso foco em um ponto, o qual obteve maior consideração entre as análises modernas, tornando-se no principal motivo e ponto para o abandono do termo e conseqüente emprego de uma nova linguagem para esta posição teológica.

O critério que escolhemos expor está em uma crítica dos próprios adocianistas à posição católica sobre a concepção de “economia” Trinitária. Na

²⁰ KELLY, 1994, p.86.

compreensão destes, a visão de “economia” seria “comprometida com o diteísmo²¹”²², ou seja, o objetivo final desta visão era o de desenvolver uma forma de arranjo intelectual, que tinha como intenção suportar a existência de dois deuses, ou de dois princípios elementares. Por meio da exposição apologética Trinitária de Novaciano é que conhecemos melhor essa problemática, o Presbítero romano assim descreve um dos argumentos adocianistas empregados em seu tempo: “Se o Pai é um e o Filho é outro, e se o Pai é Deus e Cristo é Deus, então não existe um só Deus, mas dois Deuses são apresentados simultaneamente, o Pai e o Filho”²³. Diante desta afirmação de ordem Trinitária, que aponta o emprego de um exacerbado unitarismo por parte dos adeptos do adocianismo, é que conseguimos captar há grave deficiência que a doutrina desta posição apresentava para com os predicados inerentes do substantivo adoção e seus derivados.

Como acima já exposto, a Divindade do Filho junto aos adocianistas não era negada em absoluto, contudo era amplamente sujeitada a do Pai, fazendo com que esse “filho” obtivesse ou participasse dessa Divindade como que por “osmose”. Isso descaracterizava fortemente os aspectos salvíficos, como também as promessas escatológicas oriundas dos textos Neotestamentários, tanto para a figura do Cristo quanto para aqueles que Nele criam. O Filho, como Cristo, não sendo plenamente gerado na Divindade do Pai, tinha abruptamente minimizada a realidade de sua filiação, o que necessariamente ocorria na perda de sua identidade como o Deus Filho que era Logos/Palavra/Verbo, tanto no princípio como no fim, de e para todas as coisas. É fato, que esta acepção Cristológica e por consequência Trinitária a respeito da Divindade do Filho, só viria a ser “resolvida” e ratificada pelos cânones do Concílio de Niceia (325 d.C.), mesmo assim, a dificuldade já estava exposta e teria que ser em algum momento encarada.

Quanto a linguagem empregada, fica claro a deficiência de tal termo (adocianismo), pois passados os anos e construído historicamente o Dogma, ficaria difícil ou talvez insustentável agregar um derivado do termo adoção a uma linha teológica – o movimento monarquianista como um todo – que notoriamente foi condenada²⁴.

²¹ Diteísmo (di-te-ís-mo). Substantivo masculino. Significa: Sistema dos que admitem dois deuses ou dois princípios: um bom e um mau. Ver: *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/diteísmo>>. Acesso em: 29 de abr. 2020.

²² KELLY, 1994, p.87.

²³ NOVACIANO. *A Trindade*, XXX.

²⁴ PADOVESE, 1999.

No entanto, mesmo logo tendo sido detectada a incompatibilidade do termo, uma série de etapas se sucederiam historicamente, as quais conduziram a questão sem enxergar maiores prejuízos ao meio dogmático, até porque tratava-se de um caso que tinha sua doutrina e linguagem “soterradas”. Mas, no alvorecer da teologia moderna, um novo contexto científico estabeleceria a necessidade de se utilizar de novas palavras no exercício de se apresentar antigas teorias, renomeando deste modo até mesmo conceitos que já haviam sido historicamente estabelecidos.

4 A Nova linguagem

Este novo estágio linguístico tem seu início no período moderno, mais precisamente a partir do século XIX. Não sabemos ao certo quem aplicou pela primeira vez os novos termos modalista e dinâmico para a designação e emprego das tradicionais posições relacionadas ao movimento monarquianista, mas, sabemos que o meio acadêmico do período em seu seguimento teológico-histórico foi fortemente influenciado pela intelectualidade de Adolf von Harnack, o que fez com que esta área teológica passasse a se apropriar de novas designações e terminologias, que viriam a influenciar e modificar drasticamente os paradigmas da análise teológica em seu viés histórico.

Esta influência linguística em destaque foi tão profundamente reestruturada há época, que paradigmas elementares foram, quando não removidos, no mínimo reformados; um exemplo de destaque neste espaço, é quando áreas da teologia historicamente consagradas como a Patrística e a Patrologia, junto ao seguimento protestante (em sua totalidade), simplesmente passaram a ser definidas como História do Dogma. Diante disso, é fato que as novas tendências, somadas as novas técnicas, estabeleceram novos parâmetros e estes necessitaram de remodelação.

Em nosso caso específico, o vocábulo monarquianismo ainda possuía suficiente clareza e vigor, permanecendo desta forma inalterado, contudo, os termos das posições divergentes de seu meio não mais gozavam de “saúde”, fato especialmente estabelecido pela debilidade do termo adocionismo (como visto acima), o que levou por consequência ao acréscimo de uma descrição mais técnica também a posição “clássica” inicial, que agora também requeria uma melhor definição. Deste modo, uma nova roupagem teve que ser desenvolvida ou adaptada para conter a premente necessidade comunicativa.

Prosseguimos nosso exame pelo processo de remodelação da posição historicamente majoritária.

4.1 Monarquianismo modalista

A principal vertente do monarquianismo, originalmente reconhecida pela mesma nomenclatura, iria passar na modernidade por uma espécie de redefinição epistemológica. Este grupo, agora situado num novo plano histórico necessitava ser apresentado em uma linguagem que conseguisse descrever seu posicionamento teológico.

O entendimento a respeito da “dupla convicção”²⁵ sobre a unidade Divina e a Divindade do Filho, que estava em risco pela ampla projeção da figura do Segundo no ponto de vista destes monarquianistas – principalmente relacionada à significativa elaboração da figura do Logos pelos Pais Apologistas –, fazia com que estabelecessem uma espécie de adjetivação, que aparentemente tinha o propósito de concretizar de alguma maneira gêneros distintos, mas dispostos em uma mesma unidade.

Esta compreensão teológica, provavelmente, é a responsável por conduzir os teólogos modernos a estabelecerem o termo modalista em seu trabalho de significação a respeito dos seguidores “clássicos” desta doutrina. Numa análise de caráter mais filosófico, compreendemos que o termo define um *modo* à *al*, ou seja, à mais, sendo: plural, par, coletivo, etc., no *modo*, que de fato está em uma única e respectiva substância.

Nesse jogo linguístico, o vocábulo “modal” é base para o termo modalista, e realmente representa – pelo menos na língua portuguesa – uma boa opção na tentativa de se definir este seguimento, que identificava nas Pessoas da Trindade uma unicidade, a qual, no entendimento destes cristãos, não poderia ser confundida, pelo risco de ser constituído um tipo de triteísmo²⁶ dogmático.

²⁵ KELLY, 1994, p. 89.

²⁶ Triteísmo (tri-te-ís-mo). Substantivo masculino. Significa: Doutrina dos que sustentam que em Deus não há só três pessoas, mas também três essências, três substâncias e três deuses. Ver: *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/triteísmo>>. Acesso em: 29 de abr. 2020.

4.2 Monarquianismo dinâmico

Os favoráveis a esta posição no passado, racionalizavam que o Filho havia sido um “simples homem” ²⁷ (gr.: *ψιλός άνθρωπος*) e que somente após a Ressurreição dos Mortos passou a ser Deus; porém, mesmo revestido de tal “divindade”, ainda ocupava uma posição subalterna a do Pai. Sobre a síntese desta teoria, o pensamento moderno parece ter encontrado nos parâmetros linguísticos de outras ciências (como a Física) a linguagem necessária para possibilitar o desenvolvimento desse conjunto de forças celestiais. Nesse contexto, podemos arriscar uma tentativa de esquematização – mesmo que de forma simples e incompleta – desse pensamento antigo, utilizando-nos para isso dos próprios Nomes Divinos. Assim, o pensamento moderno, possivelmente viu na sistematização adocianista algo deste tipo. Antes da Ressurreição: Servo homem ≠ Filho; após Ressurreição: Servo homem ≤ Filho < Pai.

Por mais que, houvesse a compreensão de que para os antigos adocianistas apenas a figura terrena do “homem simples/servo” pudesse vir ocupar à posição de Filho, a teologia moderna, ainda assim, optou por não se ater a esta peculiaridade ontológica, preferindo estabelecer uma nova linguagem que apresentasse uma clara relação entre os níveis distintos dos *Entis* relacionados, estabelecendo desta maneira, um padrão evidente na evolução e posição das Pessoas Divinas envolvidas.

Deste modo, compreendemos que o termo “dinâmico” é claramente uma tentativa da modernidade de se introduzir um padrão técnico, de ordem qualitativa, sobre uma antiga teoria que se baseava nos ditames da teologia natural. Importante de se ressaltar junto a esta definição, é que os teólogos modernos enxergaram um concreto movimento de forças para que se estabelecesse está ordem monárquica sugerida, já os teólogos do passado, apenas viam nesta relação uma simples analogia entre genitor e gênito, sendo que o primeiro seria superior ao segundo.

Conclusão

Este trabalho desenvolveu em sua estrutura um plano descritivo com ampla elaboração argumentativa, a qual, nos possibilita compreender o desenvolvimento histórico de uma temática teológica por meio do emprego da linguagem. As

²⁷ KELLY, 1994, p. 86.

variações terminológicas encontradas nessa elaboração textual nos permitem entender fases de uma mesma história. A diversidade dos termos, ou a ausência destes, nos demonstram quão importante é a busca por vocábulos que possam direcionar com eficiência e qualidade os objetivos que uma determinada teoria – independentemente de sua área de atuação – procura expressar, no seu tempo e além dele.

O termo monarquianismo, com seu vigor inerente resistiu as “cargas” que os Séculos depositaram sobre ele, mas, o mesmo não se pode dizer a respeito das nomenclaturas utilizadas para identificar as posições variantes de seu meio. Vimos que a posição “clássica”, majoritária, pertencente ao escopo inicial deste movimento, junto à modernidade passou a se chamar de monarquianismo modalista; estes iniciais adeptos tiveram que ser absorvidos em um termo mais atual, que categorizava uma forma, onde os Agentes Divinos passaram a ser observados como *modos* de uma mesma modalidade, sem constrangimento de nossa parte – e possivelmente também dos teólogos modernos – para com a redundância empregada. Já a posição adocianista, minoritária, racionalista e pouco elaborada, nem sequer pode manter sua identidade inicial, mas, foi reorganizada numa espécie de humanismo-exatificado, onde um tipo de “empreendimento” (plano salvífico operado pelo “servo homem”) procurava o progresso de algo, culminando em uma conjunção de forças semelhantes e comparáveis no final (encontro da Divindade), definindo deste modo à dinâmica da relação Trinitária, assim, a modernidade os definiu como monarquianistas dinâmicos.

Também é necessário se ressaltar que a presente pesquisa dentro de sua limitação temática e temporal, procurou ser indicativa e não necessariamente exaustiva em suas comparações, exposições e definições, tanto dentro do âmbito dogmático Trinitário do período analisado, como também, e principalmente, no campo científico da linguagem com suas categorias, propriedades e história – parte que nem sequer especulou em sentido: antropológico, filosófico, psicológico, etc.

Portanto, o desenvolvimento do entendimento humano em sua trajetória pelos séculos, pode, em determinado tempo, acabar sendo um dos principais algozes da linguagem, ou talvez, das identidades. Cabe-nos ainda nesta apreciação final, lembrar que o movimento monarquianista com suas variações, foi amplamente rechaçado pela Igreja em seu avanço teológico por meio dos Credos e Concílios sancionados até o início do Século VIII. Esse fato teológico-histórico é de

extrema importância em nossa análise, porque nos favorece a concluir que os avanços e as variações que o tempo impõe a linguagem, são indispensáveis para o desenvolvimento desta espécie que se define como *sapiens*, mesmo que este avanço nos leve simplesmente a narrar fatos sobre teorias ultrapassadas, que hoje existem apenas na memória literária de um grupo.

Referências

ALTANER, Berthold; STUIBER, Alfred. *Patrologia: Vida, Obras e Doutrina dos Padres da Igreja*. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 1988.

BERARDINO, Di Angelo (Org.). *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*. Petrópolis: Vozes; Paulus, 2002.

BOGAZ, Antônio S.; COUTO, Márcio A.; HANSEN, João H. *Patrística: caminhos da tradição Cristã*. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2011.

CAMPENHAUSEN, Hans Von. *Os Pais da Igreja: A Vida e a Doutrina dos Primeiros Teólogos Cristãos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

DANIEL-ROPS [Henri Petiot]. *A Igreja do Apóstolos e dos Mártires*. São Paulo: Quadrante, 1988.

DROBNER, Hubertus R. *Manual de Patrologia*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

HÄGGLUND, Bengt. *História da Teologia*. 6.ed. Porto Alegre: Concórdia, 1999.

HALL Christopher A. *Lendo as Escrituras com os Pais da Igreja*. São Paulo: Ultimato, 2003.

HAMMAN, Adalbert Gautier. *Os Padres da Igreja*. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 1985.
HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição Apostólica*. Disponível em: https://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais_da_igreja/tradicao_apostolica_hipolito_roma.html. Acesso em: 22 de abr. 2020.

KELLY, John N. D. *Patrística: origem e desenvolvimento das doutrinas centrais da fé cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1994.

MÜLLER, Ulrich B. *A Encarnação do Filho de Deus – Concepções da encarnação no cristianismo incipiente e os primórdios do docetismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

NOVACIANO. *A Trindade, Escritos Éticos, Cartas*. São Paulo: Paulus, 2017.

PADOVESE, Luigi. *Introdução à Teologia Patrística*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

PRIBERAM INFORMÁTICA, S.A. *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. 2008-2013. Disponível em: <http://priberam.pt/dlpo>>. Acesso em: 29 de abr. 2020.

SIMONETTI, Manlio (Org.) et al. *Dicionário de Literatura Patrística*. São Paulo: Ave Maria, 2010.

TEÓFILO DE ANTIOQUIA. *A Autólico*. Disponível em: <https://www.veritatis.com.br/iii-livro-a-autolico/>. Acesso em: 22 de abr. 2020.

TERTULIANO DE CARTAGO. *Contra Práxeas*. Disponível em: <http://www.e-cristianismo.com.br/historia-do-cristianismo/pais-apologistas/tertuliano-contra-praxeas.html>. Acesso em: 22 de abr. 2020.

Recebido em: 21/07/2019.
Aprovado em: 27/07/2020.
Publicado em: 28/07/2020.